

INTRODUÇÃO

Sempre houve um alinhamento entre os críticos quanto ao pessimismo estético de Machado de Assis. Vendo um acanhamento dissimulado, oblíquo e a dúvida. Mas, Dom Casmurro está completando um século de lançamento. Quantas ressalvas verdadeiras há no próprio livro Dom Casmurro quando diz: "... tudo se pode meter nos livros omissos". Contudo, o autor zomba do leitor que "... prefere a anedota à reflexão."

Então, um livro de centenário de nascimento, é necessariamente, de per se, importante. Quantos fatos, criações, obras e pessoas, tudo sem conta, passaram sem que deles tenhamos testemunhas, hoje ou de outrora, que ponham às escâncaras a vida, a luta, o espírito da civilização, o resgate da alma sem desdouro, presa pelo mundo adverso.

Desta feita, este livro ao cunhar pessoa tão insigne como o Ministro **Artur Marinho**, incita sem dogmatismo à reflexão, mais ainda, por ser memória, por ser história; depura a alma a todo leitor judicioso. Uma vez que indica: unidade, verdade, bondade que, são as qualidades transcendentes. De tal sorte ao que nos indica J. Ingenieros:

O idealista é uma mentalidade superior, seu ideal assume formas definitivas: plasma a verdade, a beleza, a virtude, em crises perenes, tende a fixar-se a persistir em obras. O tempo o consagra, e o seu esforço se torna exemplar. A posteridade julga-o clássico.

Em 1933, defende tese ao doutorado em Direito na Faculdade de Direito do Recife. Presta concurso público, para a cátedra na mesma faculdade no ano seguinte; (v. Ensaios) prova escrita, feita com sucesso.

Magistrado por vocação, em exercício junto à Justiça Federal, **Artur Marinho** foi atingido pelo governo discricionário, que a proscreeu. Assim, indo acerar pelo ostracismo profissional, pelas preterições, a que os juizes independentes estão sujeitos. Em comprovada competência, na Ciência do Direito, retorna com galhardia à magistratura, e, em 1954, é nomeado pelo Dr. Café Filho, Presidente da República, para o cargo de Ministro do Tribunal Federal de Recursos.

Propõe com a visão de grande homem público, sem se desfazer da humildade, nem da modéstia de um espírito luminar (v. disc. O Pósterio Superior) diz: "Ocupo-me da possível criação de outro ou de outros Tribunais Federais de Recursos, ...meu trabalho é um esboço..." isto ocorreu há mais de três décadas da criação dos Tribunais Regionais Federais.

Ceifado tragicamente, em pleno potencial intelectual, pela indesejável das gentes, deixando a mesa pronta, a casa arrumada, como dizia o poeta Manuel Bandeira (v. Um Discurso não Proferido). Historicamente foi o único caso em quatro décadas do TFR, que um Ministro viesse a falecer no exercício da Presidência.

Agora fica melhor esta verdade machadiana "...mas nem tudo é claro na vida ou nos livros". E calha também a esta nota introdutória. Para **Artur Marinho** valemo-nos como epigrafe dos versos de G. Dias: "Assim morre o forte! / No passo da morte / Triunfa, conquista / Mais alto brasão."